

JULIO PAREDES

# Antologia noturna



TORDESILHAS

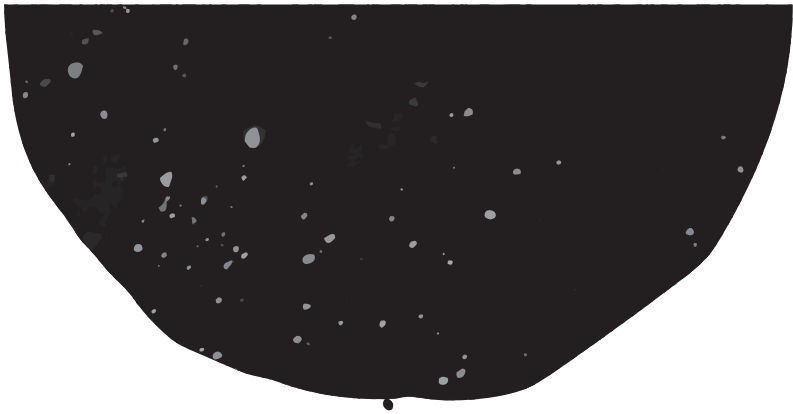
Rio de Janeiro, 2024

AMOSTRA

# Sumário

AMOSTRA

Dias de festa	11
<i>Judex</i>	35
O ombro	59
Perdido por meia hora	73
O mapa da realidade	91
Ordem e caos	101
Convite a um fantasma	121
Escrever à noite (colofão)	139



AMOSTRA

Dias de festa

○ calor me acordou novamente. Apesar da modorra causada pelas cervejas, não consegui dormir por mais de uma hora. O pequeno vestíbulo que servia de estação e sala de espera continuava vazio. Levantei-me do banco e me aproximei do guichê. O vendedor de passagens havia caído no sono sobre o balcão, com a testa apoiada nos braços cruzados, como um bêbado, embalado pela indecifrável música que saía do pequenino rádio à sua esquerda. Olhei o relógio. Já eram quase três horas de espera, ainda que o homem me houvesse assegurado que o ônibus não demoraria a aparecer. Decidi que seria inútil acordá-lo. Troquei mais uma vez de camisa, a última ainda limpa, e acendi um cigarro. Abri o livro, mas estava impossível me concentrar. O calor parecia aumentar à medida que a noite avançava. Observei as pás enferrujadas do ventilador e durante algum tempo julguei que poderia ressuscitá-las se me concentrasse o bastante. No entanto, concluí que nenhum vigor mental era compatível com o mormaço. Peguei a valise e saí em busca de ar fresco.

Não havia brisa lá fora, o calor havia arrefecido um pouco. Sentei-me na beirada da plataforma, recostado em uma árvore, onde não cessava a berraria das cigarras. Fiquei surpreso com a rapidez com que o povoado ficara inerte, quando horas antes tudo parecia indicar que a festa nas ruas se prolongaria até o amanhecer. Em Granada, a cidade que eu havia deixado pela manhã, as pessoas não dormiriam a semana inteira. Imaginei que na praça ainda haveria algum bar aberto, mas se me afastasse poderia perder o ônibus, que seguramente chegaria a qualquer momento. Mas, apesar do calor e da espera, eu estava tranquilo, despreocupado com as horas que ainda faltavam para chegar a Bogotá.

De repente percebi uma figura no meio da rua, uns cinquenta metros à minha direita. Pensei que acabara de despencar de um galho. Durante algum tempo permaneceu imóvel, e achei que havia se assustado com a minha presença. Deu dois ou três passos e parou de novo. Esperei e, então, foi chegando mais perto, bem devagar, silencioso, como um caçador. Quando estava a uns dez metros, parou de novo, virou a cabeça e ficou alguns segundos olhando para trás, como se esperasse a chegada atrasada de algum acompanhante. Ele estava de chapéu e trazia uma maleta em cada mão. Levantei-me, cauteloso, sem deixar de fitá-lo, e, quando voltou a caminhar, pensei, sem saber o motivo, que andava como um paralítico milagrosamente recém-curado.

Não me afastei da árvore e decidi não fazer nenhum movimento brusco até que o sujeito estivesse bem perto de mim. Quando chegou, olhou para trás novamente e respirou fundo, soltando o ar pela boca enquanto colocava sua bagagem no chão. Levei um cigarro à boca, mas não quis acendê-lo. Ele lançou um olhar ligeiro sobre mim, com uma espécie de varredura que terminou do outro lado da rua. Fiquei na dúvida se teria notado minha sombra sob a árvore. Procurei ficar imóvel e percebi que meu coração acelerava. O sujeito olhou para a porta da estação e passou um lenço na testa. A fraca luz amarela do poste caía perpendicular sobre ele, mas a sombra provocada pela aba do chapéu ocultava seu rosto.

— Tem ônibus? — perguntou subitamente, exausto, com a voz fraca.

— Creio que sim — respondi, saindo de perto da árvore.

— Sabe a que horas chega?

— Não — respondi, enquanto acendia o cigarro.

Ele tirou o chapéu e passou o lenço na nuca. Apesar da pouca luz, pude notar um par de olhos miúdos e um bigode ralo sobre os lábios. Colocou novamente o chapéu com cuidado, levantou o par de malas e caminhou até a porta. Acompanhei-o com os olhos até que entrou. Fui até a esquina. Imaginei que neste povoado o calor durante o dia devia atingir um grau insuportável, ao ponto de transformar estas ruas apazíveis num fervedouro, com um sol que faria com que qualquer visitante casual, ali atolado, pressentisse uma iminente catástrofe. Muitas tardes, em Granada, me deixei levar por essa sensação, deitado numa cama de hospital, observado por um grupo de meninos famintos com seus enormes olhos vidrados e sempre arregalados, enquanto ouvia as rajadas intermitentes da guerra nas montanhas, com a mente turvada pelo calor, sem vigor para me levantar e esperar pela chegada dos primeiros feridos.

Quando entrei novamente na estação encontrei o recém-chegado estirado sobre o banco de madeira. O homem do guichê seguia em seu sono profundo, na mesma posição. Quis voltar para fora, mas o outro havia percebido a minha chegada.

— Tem horas? — perguntou.

— Já vai dar meia-noite — respondi, sem consultar o relógio.

— Será que esse aí sabe alguma coisa?

Fez a pergunta indicando, com um movimento de cabeça, o homem do guichê. Não respondi, pois, na verdade, aquilo havia sido um comentário em voz alta. Ele não estava com o chapéu, e sob o bigode notei uma boca fina e delgada, marcada por duas rugas profundas que desciam desde o nariz.

— Fuma? — ofereci.

— Vai para onde? — perguntou ele após a primeira baforada.

— Para Bogotá.

Olhou-me surpreso, e pensei, por um instante, que ele não estava totalmente sóbrio. Vestia uma camisa de algodão branca e desabotoada até a metade do peito. Tinha a pele curtida e o tamanho de suas mãos me fez pensar que poderia facilmente esmagar uma iguana. Apesar disso, seus olhos miúdos, sob o escasso arco das sobrancelhas, transmitiam uma expressão de bondade. Calculei que teria por volta de sessenta anos.

— Aceita? — perguntou, oferecendo-me uma lata de cerveja que acabara de desembulhar de uma folha de jornal.

Abriu uma outra para ele e bebemos em silêncio. Estava meio morna, mas refrescou a garganta. Ele terminou a cerveja depois de uns cinco goles, secando a boca com o dorso da mão. Por um tempo se distraiu com a lata entre os dedos, e esperei, sem saber o que dizer, que ele decidisse esmagá-la. De repente fez uma breve careta e lançou a lata para um canto. Olhei sem querer para a pequena cabine, mas o barulho não havia sido forte o bastante para que o outro acordasse. Uma inesperada brisa invadiu o salão, sacudindo a lâmpada pendurada no teto, trazendo um ligeiro frescor às costas e axilas molhadas.

— Trabalha por aqui? — perguntou, enquanto se levantava.

— Não — respondi —, venho de Granada.

— Então vem do sul — comentou, olhando para a porta de entrada.

— Sim, mais ou menos.



— E como estão as coisas por lá?

Tive a sensação de que ele não tinha um verdadeiro interesse em saber quais eram as circunstâncias ou, ao menos, o relato e a interpretação que eu faria sobre elas.

— Como em toda parte.

De repente, dirigiu-se bruscamente até a saída. Observei que se deteve no meio da rua enquanto olhava de um lado a outro.

— Acho que ouvi o barulho de um motor — explicou.

O homem do guichê acordou, olhou rapidamente para nós e saiu da cabine. Repetiu os mesmos movimentos do outro, como se ambos tivessem reagido a uma mesma convocação, a qual, a mim, passara despercebida.

— O ônibus — disse ao entrar, e em seguida pude ouvir o ruído do motor.

Deixei que ele prosseguisse, mas, uma vez do lado de fora, ele parou e voltou a olhar para os dois lados da rua. Não sei por que aquilo me chamou a atenção, mas, enquanto entregava minha bagagem ao ajudante do motorista, considerei que ele ainda acreditava na chegada de seu acompanhante perdido na escuridão.



O ônibus estava praticamente vazio. Acomodei-me entre os lugares centrais, do lado da janela. Quando o outro subiu, percebi que me procurava, e, ao me ver, decidiu sentar-se na mesma altura, no banco da fila oposta. O ônibus partiu acelerando forte, e, em poucos segundos, deixamos para trás o povoado. Depois de algum tempo ele se aproximou e me entregou, sem dizer nada, outra lata de cerveja. Murmurei um “obrigado”, que não creio

que ele tenha ouvido direito. Desta vez a cerveja estava insípida, como se o líquido tivesse excesso de água ou de saliva. Fechei os olhos. Estava cansado, mas sabia que não conseguiria dormir. No interior do ônibus o silêncio era total, e só o que se escutava era o lento ronronar do motor enfrentando as primeiras subidas da cordilheira. Abri um pouco a janela. A brisa adentrou, trazendo um cheiro reconfortante.

Pensei no regresso a Bogotá e no meu fracassado projeto em Granada. Nada havia mudado nesses quatro anos, e meu único aprendizado tinha se limitado a um curso de primeiros socorros e a um sem-número de ineficazes intervenções cirúrgicas com suas respectivas autópsias. Havia chegado a Granada com a pretensão de ser um salvador, e havia saído assolado pelos vestígios de uma febre tifoide.

Passadas muitas horas de viagem, o ônibus parou em uma hospedaria à beira da estrada. Estávamos de volta ao litoral. Apesar do horário, o lugar estava animado. Fui ao banheiro e molhei a cabeça para me refazer. Pedi uma cerveja gelada e um pacote de batatas fritas. As mesas do lugar estavam ocupadas em sua maior parte por homens e, de um par de alto-falantes, saía uma cúmbia. O sujeito que embarcou comigo se aproximou da mesa com uma das malas e me perguntou se podia sentar-se. Arrastei a cadeira ao meu lado e lhe ofereci uma cerveja.

— Parece que vai chover — comentou depois do primeiro gole.

— Para onde está indo? — decidi perguntar, mesmo que não estivesse acostumado a conversar com estranhos.

— Para um povoado aqui perto, a umas duas horas — respondeu, e apontou com a mão para uma vaga direção atrás de mim.

Terminamos a cerveja e nos levantamos ao mesmo tempo. Entramos no ônibus e logo apareceu o motorista. Passava das três horas quando reiniciamos a viagem.



Um forte apito me acordou. O ônibus tinha parado e, por alguns segundos, esqueci onde estava. Fiquei de pé, levemente atordoado e com uma forte dor lombar. Imaginei que já estávamos parados havia um bom tempo. O motorista não estava e uma dupla sentada algumas fileiras à frente conversava em voz baixa.

— O que está havendo? — perguntei, me aproximando.

— Parece que houve um deslizamento de terra — respondeu um dos homens.

Voltei ao meu assento e acendi um cigarro. Caía uma leve garoa. Peguei a valise, a jaqueta e decidi descer.

A fila de veículos, em sua maioria caminhões e ônibus de viagem, se estendia à frente e atrás do ônibus. Estrada acima, depois de uma curva, era possível escutar o barulho de um motor acelerando e desacelerando. Vesti a jaqueta e decidi me aproximar do local do deslizamento. Não havia dado mais de dez passos quando uma voz, atrás de mim, me assustou:

— Vou acompanhá-lo.

Esperei que me alcançasse e começamos a caminhar, lenta e silenciosamente. A estrada ficava mais íngreme à medida que avançávamos e, depois de quase meio quilômetro, chegamos ao local do desmoronamento. Tinha muita gente por ali, observando com atenção os movimentos da retroescavadeira, que naquele exato momento tentava remover as últimas rochas desprendidas da montanha. O calçamento da estrada havia desaparecido sob a

cobertura de barro e de pedras, e tanto a máquina quanto os homens que trabalhavam em volta pareciam incapazes e em número insuficiente para liberar a via.

— Se isso continuar assim, precisarão usar dinamite — comentou ao meu lado, com o tom convincente de um especialista.

— É melhor esperar no ônibus — disse, dando meia-volta.

— Quer comer alguma coisa? — propôs em seguida, e apontou para as luzes de um pequeno quiosque erguido às margens da estrada.

— Não, obrigado — respondi, educadamente.

Desci novamente até o ônibus. O outro disse que ficaria por ali observando por mais algum tempo para ver se algo mudava. Ao longo da caravana imóvel havia pequenos grupos de pessoas, e em todos eles o comentário era, segundo pude ouvir enquanto descia, quanto tempo ficaríamos presos neste lugar. Desisti de embarcar novamente no ônibus e me sentei numa pedra, junto ao matagal que ladeava a rodovia. O ar estava ligeiramente quente e, ainda que o chuvisco não cessasse, a água parecia evaporar sobre a roupa. Distingui, em meio ao abafado ruído do motor da retroescavadeira, o som de um riacho que corria pelo fundo do desfiladeiro, que supus ser pouco profundo. O aroma da vegetação era penetrante. Esse cheiro, sempre o mesmo ao longo dos anos, me acalmava. Desde jovem sonhei viver no litoral, sempre com a certeza de que ali teria as faculdades ao meu dispor. Considerava a sua atmosfera propícia a visões. Em nada parecida a Bogotá, terra mortífera e sem dono. Mas a beleza desse sonho havia desaparecido em Granada, submetendo-me a consequências tão nocivas quanto a febre que havia me devastado.

— Não conseguiu dormir? — perguntaram atrás de mim.

Levantei-me como se tivesse sido atingido por um golpe violento. Perdi o equilíbrio e caí sentado sobre a pedra, arranhando a mão esquerda enquanto tentava me segurar.

— Desculpe... não era minha intenção...

— Não se preocupe. Estava um pouco distraído e não o ouvi chegar.

Sentei-me de frente para ele. Sua figura foi obscurecida pela sombra do matagal. Depois de um breve silêncio, ele finalmente resolveu procurar um lugar onde pudesse se sentar. Não consegui observar seu rosto com nitidez, mas suspeitei que estivesse com os olhos fixados em mim.

— Estava pensando em seu regresso a Bogotá? — perguntou.

— Mais ou menos — respondi, sem a intenção de ser mais explícito, incomodado com uma insistência que eu agora começava a perceber, como se ele estivesse seguindo os meus passos.

— Parece que não vai ser fácil sair daqui — comentou.

Respondi com um murmúrio. Eu sabia que todo passageiro, submetido sem querer a qualquer tipo de espera, se mostra inclinado a falar e a buscar intimidade instantânea com a primeira pessoa que encontra. Ainda assim, eu nunca soube como reagir a esse tipo de situação e, geralmente, procurava me manter distante, ou, como neste caso, dar respostas monossilábicas. No fundo, sempre me foi difícil definir os termos dessa minha incapacidade, e ainda que não tivesse nada a ver com antipatia ou qualquer outra cretinice, as pessoas que me conheceram, em Bogotá, eram unânimes em me considerar alguém chato e sem graça. Observei a silhueta do outro, ofereci a ele um cigarro e ficamos mais um tempo em silêncio.

Percebi que o barulho da máquina havia cessado. Como se respondesse a um estímulo inesperado, ele se levantou bruscamente e se dirigiu à estrada. Escutei alguém que descia correndo e, entre os arbustos, avistei um pequeno grupo reunido junto ao ônibus. Juntei-me a eles e procurei um lugar para urinar. Saí e me aproximei dos demais.

— Não acredito que haja passagem ainda — disse ele ao me ver chegando.

Ouviram-se alguns comentários vindos das pessoas ali reunidas e, por fim, o ajudante do motorista sugeriu que alguém o acompanhasse numa subida para averiguar como estavam as coisas. Formaram-se rodinhas de pessoas em volta aos veículos e, da parte de trás da grande caravana, subiam pessoas com lanternas, avançando a passos firmes rumo ao local do deslizamento. Tudo indicava que a interrupção dos trabalhos era um sinal inequívoco de que logo prosseguiríamos a viagem. No entanto, pelo que eu havia observado lá no alto, receava que a espera ainda se prolongaria por muitas horas.

Retornei para o ônibus. Queria dormir mais um pouco, mas não conseguia me acomodar no assento apertado. Comecei a suar e notei que estava com a garganta seca e um pouco dolorida. Esperava que em meu regresso a Bogotá não ressurgissem, bruscamente, os adormecidos sintomas da febre.



Talvez a volta à cidade não significasse somente o reavivamento desse transtorno em estado de dormência. Desconcertava-me, havia vários meses, a ideia de que, quando chegasse, me desse conta de que, mais uma vez,

havia errado o destino. Eu sabia que, em Granada, havia conseguido esquecer boa parte das razões que me haviam impulsionado a deixar a cidade, como me ver livre das recentes questões amorosas com Maritza ou o ressentimento legado por uma falsa amizade, mas, apesar de tudo, não havia conseguido me livrar do mau hábito de fazer conjecturas e ficar em permanente estado de suspensão nessa divagação sinuosa sobre os dias futuros. Certamente, as tardes arrastadas no hospital haviam ampliado e contribuído para tornar mais aguda essa espécie de humor, que, ao longo desses anos, incluindo a madrugada passada no ônibus, me transformaram num perfeito ruminante, em constante regurgitação do desejo de viver como qualquer mortal. Não estava entre os caras que conseguem fazer um sólido inventário no qual reúnem seus feitos engenhosos, sábios e divertidos, e o único registro que eu levava para Bogotá de minha breve permanência em Granada era a lembrança de um grupo de crianças e de militares contemplando meu embarque no ônibus.

— A coisa vai longe — reconheci a voz e abri os olhos. Ele estava sentado sobre o braço do assento. — Estão dizendo por aí que será necessário retornar e pegar uma outra estrada.

Chequei a hora no relógio. Faltava pouco para que começasse a clarear. Respondi com um grunhido, fiquei de pé e atravessei o corredor estreito até o assento do motorista. Olhei pela janela.

— Pensa em viajar até Bogotá? — perguntou.

— Sim.

— Quero dizer se pensa em prosseguir — corrigiu-se de imediato.